

Colecção: UNIVERSALIA

Direcção: Dr. Adelino Cardoso

Livros publicados:

- 1 — G. W. Leibniz, *Discurso sobre a Teologia Natural dos Chineses*, tradução, introdução e notas de Adelino Cardoso.
- 2 — Platão, *Ménon*, tradução do grego e notas de Ernesto Rodrigues Gomes. Estudo introdutório de José Trindade Santos.
- 3 — J. P. Sartre, *A Transcendência do Ego*, tradução e introdução de Pedro M. S. Alves.
- 4 — Bergson, *A Intuição Filosófica*, tradução, introdução e notas: Maria do Céu Patrão Neves. Revisão literária: Lucinda Soares.

Série Ideias

- 1 — G. W. Leibniz, *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano*, tradução e introdução de Adelino Cardoso

Próximo título a publicar

G. W. Leibniz, *Discurso de Metafísica*

Edições Colibri
Faculdade de Letras de Lisboa
Alameda da Universidade
1699 LISBOA CODEX

Henri Bergson

A INTUIÇÃO FILOSÓFICA

Tradução, Introdução e Notas: Maria do Céu Patrão Neves.
Revisão literária: Lucinda Soares.



Edições Colibri

cada nova leitura. Dedicado à natureza do espírito filosófico e ao seu método próprio, conduzindo imperceptivelmente o leitor através dos meandros do seu pensamento, levando-o a participar das imagens que descreve, interpelando-o nas suas próprias dúvidas, surpreendendo-o depois com a simplicidade e precisão das posições que assume e, finalmente, concluindo que "filosofar é um acto simples".

A tradução de "A Intuição filosófica" não oferece dificuldades particulares sendo, todavia, sempre laborioso conseguir acompanhar a virtuosidade do discurso bergsoniano. Já a redacção das notas suscitou alguns problemas em virtude da própria natureza da exposição. O pensamento de Bergson, concretizando já no estilo a mensagem da doutrina que propõe, desenvolve-se progressivamente, retomando constantemente aspectos anteriores para os reintegrar em novas relações que complementam e precisam o sentido das diversas noções que repetidamente vão sendo tornadas presentes. A definição dos conceitos, ou a evocação das imagens, faz-se por uma aproximação sucessiva nunca concluída, tornando-se necessário obedecer ao estilo do autor na redacção das notas.

As notas introduzidas são de natureza diversa, com o intuito de, sempre acompanhando o texto, ora fornecer as explicações julgadas necessárias para uma compreensão mais precisa do texto (numa perspectiva didáctica), ora oferecer os complementos considerados indispensáveis para a inteligibilidade da filosofia bergsoniana (numa perspectiva erudita), em ambos os casos incluindo frequentemente referências à bibliografia bergsoniana no sentido de facilitar o aprofundamento da doutrina.

Quanto à "Introdução" que se segue, não pretendemos resumir o pensamento de Bergson mas tão somente contextualizar o presente texto no conspecto geral da filosofia bergsoniana e destacar algumas das suas directrizes, aquelas que, de forma mais proeminente, se revelam em "A Intuição filosófica".

Introdução

Henri Bergson nasceu a 18 de Outubro de 1859, em Paris, cidade onde também veio a falecer a 3 de Janeiro de 1941. De uma inteligência brilhante e personalidade notável, Bergson desenvolveu uma carreira intelectual excepcional, sem nunca abdicar de um compromisso empenhado na existência comum. Vocacionado inicialmente para as ciências, sobretudo para a matemática, enveredou depois pela reflexão filosófica, domínio em que se destacou como autor da "filosofia nova", a qual agitou o meio cultural francês da sua época. A par da originalidade da sua doutrina, a elegância do seu estilo e a sua invulgar capacidade de comunicação atraíram verdadeiras multidões aos locais em que falava. Simultaneamente, manteve um espírito desperto para as necessidades do mundo do seu tempo, tendo procurado promover a harmonia internacional, em particular durante a Iª guerra mundial e enquanto presidente da Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações. Por tudo isto, sempre lhe foi atribuída uma indiscutida autoridade moral que atitudes como a renúncia de se converter do judaísmo ao catolicismo por solidariedade com o seu povo durante a IIª grande guerra¹, apenas lograram consolidar. Excepcionalmente, o reconhecimento foi-lhe prestado em vida.

No meio filosófico, o pensamento de Bergson foi acolhido por muitos como uma "lufada de ar fresco", isto é, como uma libertação para a própria filosofia desde há tempos agrilhoada

1 Afirmção frequentemente reproduzida a partir do seu Testamento.

em sistemas pretensamente universais, amesquinhada por um cientismo exacerbado e diminuída por um ecletismo por natureza redutor. Em oposição a estas tendências, o filósofo redescobre o sentido do espiritualismo que vê manifestar-se na natureza universal, como na vida de todos os seres, e não apenas na sua transcendência. Bergson destaca-se assim como um dos principais responsáveis pelo renascimento do "espiritualismo" que despontou em França no último quartel do século XIX e se desenvolveu durante a primeira metade do século XX. Consideremos brevemente as suas principais obras e veremos como este novo espiritualismo se estrutura e desenvolve.

À semelhança do que acontece com a maioria dos filósofos franceses desta época, a dissertação de doutoramento de Bergson revela já a intuição fundamental que sempre animou e conduziu a sua reflexão, contendo também em gérmen o que se virá a revelar como o desenvolvimento da doutrina. *Essai sur les données immédiates de la conscience*, de 1889, trata sobretudo do problema do tempo e da liberdade², realidades conexas entre si. O propósito inicial é o de ultrapassar os dados cristalizados da vida e os seus símbolos abstractos que mascaram ou ocultam o real na sua autenticidade. O filósofo procura então fazer regressar o pensamento a um nível anterior ao das construções racionais, ou seja, à sua espontaneidade originária. Partindo da crítica dos dados da psicologia da época, em particular das teses associacionistas, Bergson defende a continuidade da vida interior. É na intuição dos dados imediatos da consciência que ele descobre uma realidade dinâmica, que se desenrola numa "continuidade indivisível e indestrutível". O tempo da consciência, o tempo real, vivido, concreto, é o tempo que dura ininterruptamente, é pura duração.

2 Aliás, *Temps et Liberté* foi exactamente o título proposto por Bergson para a publicação do *Essai sur les données immédiates de la conscience* em outras línguas.

Por outro lado, a intuição do eu, ao manifestar o dinamismo contínuo da consciência, fundamenta a existência inalienável da liberdade, enquanto capacidade que a consciência tem de, existindo, se criar indefinidamente a si mesma. A liberdade — considera o autor — é um falso problema que se dissipa à luz da concepção do tempo como duração, movimento permanentemente novo e imprevisível.

Em 1896 Bergson publica *Matière et Mémoire*. A perspectiva é a mesma da do *Essai* — apreensão da realidade "por de dentro" —, mas aplicada a um outro aspecto — o da relação do corpo e do espírito³. A temática é nova — a da memória — mas o pressuposto que determina a sua análise prevalece — o da continuidade da vida interior. *Matière et Mémoire* retoma assim a reflexão iniciada no *Essai* e amplia-a estendendo-a ao tradicional dualismo entre o corpo e a alma, entre uma dimensão física e uma dimensão psíquica. É este dualismo de matéria e espírito que, no âmbito de uma teoria do conhecimento, é tido como responsável pela oscilação entre posições realistas e posições idealistas — ambas consideradas igualmente falseadoras da realidade —, e que, no domínio da psicologia então contemporânea, se traduziu na tese comum do paralelismo psico-físico — frequentemente criticado pelo filósofo. Bergson procura diluir este dualismo propondo uma nova concepção de "matéria", a partir da qual elabora uma reflexão inédita sobre a "memória". A matéria é uma "conjunto de imagens", cuja existência se situa entre a "coisa" e a "representação". Deste modo, também o cérebro pode ser considerado como uma imagem, pelo que as suas funções, entre as quais a memória, tendo uma componente física não se reduzem na sua natureza a uma explicação materialista. Assim, as recordações não estão contidas no cérebro à maneira de bens a serem selec-

3 O subtítulo de *Matière et Mémoire* é bastante explícito quanto à sua temática dominante, *Essai sur la relation du corps à l'esprit*.

cionados em vista de uma acção no curso de uma experiência no presente. A memória pura é uma actividade espiritual co-extensiva à consciência, uma memória integral em que todo o passado se conserva presente. O espírito, a consciência, pede emprestado à matéria as suas percepções e devolve-as sob a forma de movimento, em que imprimiu a liberdade. Espírito e a matéria são assim chamados a uma colaboração fecunda e é entre ambos que se estabelecem infinitas intensidades da memória.

L'Évolution Créatrice surge em 1907 e constitui indubitavelmente a obra mais importante de Bergson e uma das mais representativas da expressão da filosofia francesa contemporânea. O sentido originário da reflexão bergsoniana — a intuição da duração — mantém-se, revelando-se agora não na intimidade da coincidência da consciência consigo mesma ou na unidade do corpo e alma, mas na universalidade do espírito, isto é, na presença universal do "élan vital" como exigência de criação. O tema central é o da vida, o da significação da vida compreendida à luz da evolução biológica, da evolução cósmica. Reagindo contra o evolucionismo de Spencer que considera sem evolução — subordinado a uma estrutura demasiado mecanicista em que a realidade é segmentada para análise e depois pretensamente recomposta na sua autenticidade —, Bergson procura apresentar um verdadeiro evolucionismo em que a realidade é seguida na sua geração e crescimento. É adoptando esta perspectiva que o filósofo descobre a vida, em toda a sua diversidade, surgindo no desenvolvimento de um mesmo impulso (*élan*) comum a toda a natureza e sempre animada por esta mesma força. Este dinamismo vital que perpassa todo o real não é mais do que o próprio espírito no seu movimento criador o qual, à maneira da *arché* dos pré-socráticos, se revela como princípio originário e unitário de toda a diversidade do real.

O homem, o único ser capaz de consciência de si, ao aprofundar e intensificar a sua própria interioridade reconhece-se

fazendo parte do todo, da natureza comum ao universo. Consequentemente, e na medida em que capta a essência do real como espírito criador, reconhece-se também a si próprio como liberdade. Assim se constitui uma *metafísica da natureza* e do *espírito* a par de uma *teoria do conhecimento* e de uma *filosofia da liberdade*, ao mesmo tempo que se anuncia a *aspiração mística* do homem.

Destacamos, por fim, *Les deux sources de la Morale et de la Religion*, obra de 1932, bastante tardia em relação às anteriores citadas e de carácter bem diverso. É a aspiração mística do homem que se explicita e se testemunha, quer através do exemplo de alguns homens excepcionais, quer pela constituição do que Bergson designa por uma "moral aberta": expressão do amor pela humanidade, um amor universal que ultrapassa as simples obrigações morais impostas pela sociedade e que se incarna naquelas poucas individualidades superiores. O homem que se deixa invadir pelo movimento vital na sua livre expansão, não só se aproxima do princípio originário da vida, mas tende cada vez mais a coincidir com o "élan criador" que provém de Deus, que é o próprio Deus apreendido na experiência mística. O misticismo, a que a religião dinâmica nos conduz como resposta da alma à graça divina, corresponde à posse plena da experiência reveladora de Deus que, no plano da vida, era projectada no "élan vital".

Essai sur les données immédiates de la conscience, *Matière et Mémoire* e *L'Évolution Créatrice*, os três textos mais relevantes da bibliografia bergsoniana, aparecem-nos como um *crescendum* em que uma mesma doutrina se vai desenrolando, num processo que amplia continuamente o domínio de reflexão considerado — paradigma desta "filosofia aberta". Assim, o eu é sucessivamente tomado na sua interioridade (1889), perspectivado na relação corpo e espírito que o constitui (1896) e integrado no fluxo universal da vida, na evolução cósmica de que faz parte (1907). O filósofo irá mesmo mais longe, em *Les deux*

sources de la morale et de la religion (1932), alargando a sua reflexão ao domínio da moral e da religião e, a partir daí, apontando o destino espiritual do homem. A progressão vai-se, pois, traçando do interior para um exterior cada vez mais alargado, num dinamismo original que permite simultaneamente expandir e aprofundar a interioridade de cada singularidade, à medida que desenvolve e consolida um espiritualismo inédito que perpassa todo o universo como a própria vida. A filosofia de Bergson desdobra-se numa doutrina da *consciência*, da *vida* e do *espírito*.

E, todavia, são falsas as interpretações que delineiam o percurso bergsoniano como indo da psicologia para uma filosofia da natureza, quando o sentido é exactamente o inverso; ou as que procuram traçar uma separação entre uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito, quando elas se interpenetram indissociavelmente.

O ponto de partida de Bergson foi, como o próprio afirma⁴, o da reflexão sobre o tempo, tal como o senso comum o imagina e a ciência em geral o utiliza. À concepção espacializada e abstracta que então se lhe depara, o filósofo contrapõe uma concepção concreta, de um tempo não extensivo mas sucessivo, que dura. É o tempo real que descobre como constituindo a própria corrente da consciência — tese que encontramos na sua dissertação e que obriga o autor, nesta obra como em *Matière et Mémoire*, a desenvolver uma reflexão ao nível da psicologia. Quando, em *L'Évolution Créatrice*, o filósofo elabora uma teoria da vida, confirma que vida e consciência são uma mesma realidade cuja essência é a duração. De facto, Bergson nunca se desviou de uma reflexão sobre a natureza universal.

4 Cf., "Carta a G. Papini", de 4 de Outubro de 1903, in *Écrits et paroles*, t.I, p. 204; cf., "Carta ao director da *Revue philosophique* sobre a sua relação com James Ward e com William James", de 10 de Julho de 1905, in *ibid.*, t.II, p.240.

Por outro lado, o desenvolvimento da filosofia da natureza, orientado agora para uma reflexão sobre a evolução biológica, conduz o filósofo a afirmar a "duração" como o movimento criador do espírito. O espírito é a essência da vida como de todo o real. Toda a natureza está impregnada de espírito, ao qual deve o seu dinamismo e organização, e, por sua vez, o espírito desenvolve-se, enquanto iniciativa criadora, alimentando-se da natureza como sua matéria — dupla realidade na sua unidade originária e irreductível.

O espiritualismo de Bergson irrompe, pois, de um pensamento positivo que não só lhe serve de fundamento, enquanto ponto de partida real, mas persiste activo ao longo de toda a reflexão, enquanto apreço pela realidade concreta e exigência de rigor e precisão. A filosofia de Bergson protagoniza efectivamente um "positivismo espiritualista" expressão (só aparentemente paradoxal) que designa uma nova tendência filosófica capaz de corresponder às exigências intelectuais do homem de ciência como de responder às aspirações espirituais da mais íntima subjectividade. É, por isso, um "espiritualismo integral".

O "positivismo espiritualista" tem a sua origem em Maine de Biran, este sim partindo dos dados da psicologia, do "facto primitivo da consciência", e enveredando posteriormente pela via do espírito como única capaz de conduzir o homem à felicidade⁵. No entanto, só em 1867, no célebre *Rapport* de Félix Ravaisson, a expressão veio a ser empregue pela primeira vez. O autor pretendia assim apontar a direcção por que entevia que o desenvolvimento da filosofia se viria a processar. Na verdade, o pensamento ravaissoniano protagonizava já um "positivismo espiritualista". Por um lado, e à semelhança de Biran, também Ravaisson parte de um facto positivo e se orienta para a plenitude da vida do espírito. Por outro, e em oposição a ele, a

5 Na "Introdução" a *Oeuvres choisies de Maine de Biran*, Henri Gouhier diz que, se "positivismo espiritualista" fosse um nome de família, Maine de Biran teria sido o primeiro a usá-lo.

coincidir com a sua intuição originária; uma linguagem que recorre sistematicamente a metáforas no esforço por alcançar rigor; um conhecimento que se distingue radicalmente do científico, assim confirmando a sua dignidade e valor paralelos. São também as dificuldades de apreensão de um pensamento vivo que, no seu contínuo movimento, vai harmonizando aspectos aparentemente contrários: a convergência da filosofia e da ciência, no rigor e precisão exigidas, da filosofia e da arte, na espontaneidade da criação; a afirmação da intuição como conhecimento, enquanto faculdade de captar a autenticidade do real, e como simpatia, enquanto forma de coincidir com a intimidade do real; a continuidade de um trabalho filosófico permanentemente inacabado e a novidade ímpar de cada intuição. Outras questões podem ainda formular-se acerca da ausência de condições propedêuticas da intuição, do seu carácter de certitude, da relatividade do conhecimento absoluto do relativo, da real possibilidade de comunicação.

A inteligibilidade da filosofia bergsoniana não se alcança sem um esforço intelectual, mas só se abre a uma nova disposição do espírito: numa "inversão da direcção habitual do pensamento", numa "conversão da atenção" ao espírito.

A INTUIÇÃO FILOSÓFICA⁷

Gostaria de vos submeter algumas reflexões sobre o espírito filosófico. Parece-me, — e mais do que uma comunicação apresentada a este Congresso o testemunham — que a metafísica procura neste momento simplificar-se, aproximar-se mais da vida⁸. Creio que ela tem razão e que é neste sentido que

7 Conferência proferida no Congresso Internacional de Filosofia de Bolonha, a 10 de Abril de 1911, e publicada em Novembro do mesmo ano na *Revue de Métaphysique et de Morale*, XIX, pp. 808-827. Este texto foi posteriormente integrado pelo autor numa colectânea de pequenos estudos intitulada *La Pensée et le Mouvant. Essais et conférences*.

8 "Le Cerveau et la Pensée: une illusion philosophique", comunicação apresentada no Congresso Internacional de Filosofia, em Genebra, 1904, e publicada na *Revue de Métaphysique et de Morale*, XII, Novembro de 1904, pp. 895-908, sob o título "Le paralogisme psycho-physiologique", constitui o único texto apresentado num Congresso Internacional de Filosofia, além do presente, a constar na edição das *Oeuvres* de Henri Bergson. Registe-se igualmente uma indicação apenas de uma "Note sur l'origine psychologique de notre croyance à la loi de causalité", também apresentada num Congresso Internacional de Filosofia, realizado em Paris, 1900. "Le paralogisme psycho-physiologique", estudo em que o autor procura manifestar a contradição inerente àquela mesma tese, termina precisamente pela afirmação do projecto de formulação "de uma teoria do espírito, considerada nas suas relações com o determinismo da natureza", in *L'Énergie spirituelle. Essais et conférences*, p. 974.

No entanto, os trabalhos de Bergson que efectiva e mais excelentemente desenvolvem a preconizada proximidade entre a metafísica e a vida são